

Rubem Fonseca e Seu Ferozcinema: Uma Análise de “Relato de Ocorrência” Sob a Ótica do Cinema e da Marginalidade Brasileira¹

João Pedro Cardoso FACCIO²

Gelson BARBOSA³

Centro Universitário de Pato Branco – UNIDEP, Pato Branco, PR

RESUMO

É seguro afirmar que Rubem Fonseca é um escritor bastante consagrado nacionalmente. Desde 1963, com a publicação de “Os Prisioneiros”, o autor possui grande destaque na crítica literária. Karl Erik Schollhammer, um dos críticos sobre Literatura Brasileira (e de Fonseca), em sua obra “Ficção Brasileira Contemporânea” (2009), remonta à outro texto, de Alfredo Bosi (“O Conto Brasileiro Contemporâneo”, 1975) para reafirmar a escrita de Rubem Fonseca como inovadora sobretudo pelo seu “realismo cruel”: “Sem abrir mão do compromisso literário, Fonseca criou um estilo próprio - enxuto, direto, comunicativo -, voltado para o submundo carioca, apropriando-se não apenas de suas histórias e tragédias, mas, também, de uma linguagem coloquial que resultava inovadora pelo seu particular “realismo cruel”. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 27). Há, ainda, dentro da poética de Rubem Fonseca, uma forte aproximação com a linguagem cinematográfica. Seja pelos elementos paratextuais, pela diagramação de partes do texto ou pelo modo de narrar (frequentemente através de um narrador nada onisciente, tal como a câmera subjetiva cinematográfica). Este é o ponto central do presente trabalho: investigar a presença da linguagem cinematográfica no conto “Relato de Ocorrência”, de Fonseca (1990, p. 169). Vitoriano e Gomes, no artigo “O Cobrador com Relato de Ocorrência: a escrita ferozcinematográfica de Rubem Fonseca” (2016), destacam, no adjetivo “ferozcinematográfica”, a aproximação do autor à estilística do cinema, somada ao seu “realismo feroz”. A obra Lúcia McCartney (1969), em que o conto da análise está presente, utiliza frequentemente essa linguagem: há *mimeses* de notícias de jornal e da televisão, contos com colchetes que ligam à diferentes frases, quase como uma edição do tempo cronológico e há, ainda, a descrição de diálogos que o autor chama de “Cenas”.

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Professor do Curso de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Pato Branco – UNIDEP, Pato Branco, Paraná. E-mail: joao.faccio@unidep.edu.br.

³ Professor do Curso de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Pato Branco – UNIDEP, Pato Branco, Paraná. E-mail: gelson.barbosa@unidep.edu.br.

“Relato de ocorrência”, o conto a ser analisado neste trabalho, localiza-se no Rio de Janeiro. O narrador relata que uma vaca caminhava pela ponte do Rio Coroado até que um ônibus de passageiros que vinha na direção da vaca, ao tentar desviar, perdeu o controle e caiu da ponte. A descrição, desde o ônibus até as vítimas do acidente, remonta tanto a um relatório policial quanto a um texto jornalístico das colunas policiais: “Um ônibus de passageiros da empresa Única Auto-ônibus, chapa RF-80-07-83 e JR-81-21-27 trafega na ponte do rio Coroado em direção a São Paulo. [...] Em cima da ponte a vaca está morta. Debaixo da ponte estão mortos: uma mulher vestida de calça comprida e blusa amarela, de vinte anos presumíveis e que nunca será identificada; Ovídia Monteiro, de trinta e quatro anos; Manuel dos Santos Pinhal, português, de trinta e cinco anos, que usava uma carteira de sócio do Sindicato de Empregados em Fábricas de Bebidas; o menino Reinaldo, de um ano, filho de Manuel; Eduardo Varela, casado, quarenta e três anos. (FONSECA, 1990, p. 169). Seguindo, ao que o incidente ocorre, um casal presencia o fato. Ao que Elias Gentil dos Santos, o homem, vê o que houve, dirige-se à mulher: “Elias manda a mulher apanhar um facão em casa. Um facão? pergunta Lucília. Um facão depressa sua besta, diz Elias. Ele está preocupado. Ah! percebe Lucília. Lucília corre.” (FONSECA, 1990, p. 169). Aqui há um indício de escrita *ferozcinematográfica*: parece haver apropriação do signo cinematográfico ao passo que elementos considerados “clássicos” na construção sintática desaparecem, como aspas, travessões e até vírgulas (como o vocativo no trecho acima). É nessa base com texto “dilacerado” que o conto encaminha-se: “O conto em terceira pessoa de Rubem Fonseca “Relato de ocorrência em que qualquer semelhança não é mera coincidência” simboliza exatamente essa sinergia entre o literário que se alimenta do discurso do cinema, principalmente do cinema de natureza documental ou mesmo de uma reportagem jornalística típica dos diários televisivos standard brasileiros até os anos de 1980-1990” (VITORIANO, GOMES, 2016, p. 16). Retornando ao conto, ao que a esposa, Lucília, atende ao marido e vai apanhar uma faca, surgem novos personagens: Marcílio da Conceição e Ivonildo de Moura Júnior. Cabe salientar que os nomes completos dos personagens são uma constante em todo o conto, o que denota a necessidade do texto ser também um “Relato de Ocorrência”. Com a chegada dos novos personagens, Elias se enraivece silenciosamente: “Elias cospe no chão várias vezes, com força, até que sua boca seca. A insólita situação se sustenta por certo tempo, ao que os personagens se debruçam na ponte, observam o

acidente, observam a vaca e ali ficam, aguardando: “A situação não anda boa não”, diz Elias olhando para a vaca. Ele não consegue tirar os olhos da vaca. É verdade, diz Marcílio. Os três olham para a vaca. Ao longe vê-se o vulto de Lucília, correndo” (FONSECA, 1990, p. 170). A cena incute a temática da pobreza quando Elias, ao permanecer ali, assistindo à mulher chegar com a faca, diz: “Se eu pudesse eu também era rico” (FONSECA, 1990, p. 170) e texto prossegue com a reação dos outros homens: “Marcílio e Ivonildo balançam a cabeça, olham para a vaca e para Lucília, que se aproxima correndo.” (FONSECA, 1990, p. 170). Quando Lucília chega, há uma intensificação da tensão, visto que fica certa impressão de que a faca possa servir para ferir algum dos desafetos de Elias (Marcílio e Ivonildo): “Elias segura o facão na mão, como se fosse um punhal; olha com ódio para Marcílio e Ivonildo. Cospe no chão. Corre para cima da vaca. No lombo é onde fica o filé, diz Lucília. Elias corta a vaca.” (FONSECA, 1990, p. 170). Percebe-se que a grande tensão criada está no animal morto e na possibilidade que Elias e Lucília encontram de conseguir a carne da vaca acidentada, enquanto há uma cena de acidente acontecendo, com mortos sob a ponte. Assim que Lucília corre novamente para apanhar sacos para armazenar a carne do animal sobre a ponte e também Ivonildo e Marcílio saem para pegar suas próprias facas, outros surgem: “Elias já cortou dois pedaços grandes de carne quando surgem, correndo, Marcílio e sua mulher Dalva, Ivonildo e sua sogra Aurélia e Erandir Medrado e seu irmão Valfrido Medrado. Todos carregam facas e facões. Atiram-se sobre a vaca.” (FONSECA, 1990, p. 170-171). Fica claro, aqui, que a questão da fome - da pobreza a ponto de não ter o que comer - não é uma exceção na urbe carioca. Outras várias pessoas surgem e *atiram-se* sobre o animal para tentar conseguir alguma carne. Seguindo e aprofundando esse estado de representação da marginalidade, o narrador descreve Lucília enquanto chega com os sacos: “Lucília chega correndo. Ela mal pode falar. Está grávida de oito meses, sofre de verminose e sua casa fica no alto de um morro, a ponte no alto de outro morro.” (FONSECA, 1990, p. 171). Além de estar prestes a dar a luz, a personagem do conto ainda sofre de verminose - doença flagelante ao povo mais pobre, sem condições de saneamento básico - e mora no alto de um outro morro, longe da ponte onde situa-se a cena. Há ainda duas situações relevantes no conto: além dos personagens já citados, estava na ponte uma viatura da Polícia Rodoviária com seu motorista no interior. Ao que este motorista vê a cena, fala: “Além me empresta um facão senão eu apreendo tudo, diz

o motorista do carro da polícia.” (FONSECA, 1990, p. 171). A pobreza e a fome dividem espaço com a corrupção no mesmo ponto geográfico. Aprofundando os conflitos presentes na situação, ainda surgem mais personagens: “Com uma serra, um facão e uma machadinha aparece João Leitão, o açougueiro, acompanhado de dois ajudantes.” (FONSECA, 1990, p. 171). Sendo esse personagem um açougueiro, todos os presentes protestam: “Não pode, gritam todos, com exceção do motorista da polícia” (FONSECA, 1990, p.171). Ao que a vaca é descarnada, como narra Fonseca, Elias e sua esposa se retiram, com duas sacas. “Quem primeiro se retira é Elias com a mulher. Faz um bifão pra mim, diz ele sorrindo para Lucília. Vou pedir umas batatas a Dona Dalva, vou fazer também umas batatas fritas para você, responde Lucília.” (FONSECA, 1990, p. 171). Percebamos aqui mais um ponto: Lucília vai *pedir* umas batatas a uma vizinha, ou seja: não irá *comprar*. Este é mais um ponto perceptível da total falta de poder aquisitivo do casal. O final do conto sugere o fim do caos: os restos da vaca são recolhidos e nada sobra, a não ser uma poça de sangue. Sobre os acidentados, nada se sabe - e isso pode significar muito, vejamos: ao passo que os acidentados não estão mais sobre a ponte (centro), mas sob a ponte (margem), parece não haver importância com o destino das vítimas: "Os despojos da vaca estão estendidos numa poça de sangue. João chama com um assobio os seus dois auxiliares. Um deles traz o carrinho de mão. Os restos da vaca são colocados no carro. Na ponte fica apenas a poça de sangue.” (FONSECA, 1990, p. 171). No meio da fome, do grotesco, Fonseca recria, textualmente, a transposição de códigos para estruturas cinematográficas que impactam e aproximam o leitor da carne crua, seja da morte, seja da pobreza.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; ficção; literatura; marginalidade; Rubem Fonseca

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix. 1975.
- FONSECA, Rubem. **Lúcia McCartney/Os Prisioneiros**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
- SCHOLLHAMMER, Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- VITORIANO, H., & Gomes, A. (2016). **O Cobrador com Relato de Ocorrência**: a escrita ferozcinematográfica de Rubem Fonseca. in: Revista Criação & Crítica, (16), 34-49.